

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

O SENTIDO REPUBLICANO DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO ARENDTIANO¹

Mario Jose Puhl².

¹ Trabalho elaborado para inscrição no Salão do Conhecimento de 2016.

² Doutorando do PPGEC, UNIJUI, Bolsita CAPES, mariopuhl@yahoo.com.br

Este trabalho constitui-se no esforço de identificar e apresentar os sentidos da educação, na perspectiva republicana da educação defendida por Hannah Arendt, a inserção dos jovens no mundo comum, a conservação e a renovação do mundo público, no intuito de contribuir na proposição de referenciais teóricos para a educação no contexto da contemporaneidade e das tarefas que o mundo apresenta em face da tentativa de sobreposição dos desejos privados em razão dos interesses públicos. Uma elaboração de caráter teórico se sustenta na pesquisa bibliográfica das obras da filósofa e de alguns de seus intérpretes, ao modo de uma proposição.

No pensamento educacional arendtiano evidencia-se uma imbricação entre mundo comum, os sentidos e as finalidades da educação escolar republicana. A educação tem compromisso com a conservação, a continuidade e a renovação do mundo público. É de responsabilidade dos adultos a educação das crianças e jovens, a introdução dos novos no mundo em constante mudança e sua conservação e pela possível transformação do mundo público, pois se um adulto se recusar “a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças” e nem poderia fazer parte do processo educativo escolar, defende Arendt (2013, p. 239).

Pensada como uma das ações imprescindíveis à existência de sociedades democráticas e republicanas, a educação “está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana”, sustenta argumentativamente Arendt (2013, p. 234), cuja tarefa foi delegada à instituição republicana, a escola, pelo Estado. A escola não representa para as crianças e jovens o mundo, mas é ela que realizará a ligação entre o espaço privado do lar e o mundo público.

[...] A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDDT, 2013, p. 247).

Esta autora argumenta que os dois sentidos primordiais da educação são a natalidade e a conservação do mundo. A natalidade constitui “a essência da educação”, pois os humanos “nascem para o mundo”, resume Arendt (2013, p. 223). Esta afirmativa está relacionada com as ideias de natalidade e de mundo comum. Pela natalidade uma nova pessoa adentra ao mundo existente e no qual necessita ser inserida com vistas à constituição e afirmação de sua identidade e obter o reconhecimento dos demais indivíduos-parte do mundo.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

O nascer é condição de possibilidade e capacidade para instaurar a novidade no mundo através da ação. O nascimento é a aparição ocorrente de uma singularidade que, dada a sua espontaneidade e de sua unicidade, traz a expectativa da liberdade, a qual poderá ser efetivada no espaço público. No entender de Correia (2008), os humanos, na condição de entes do mundo, são permanentes afirmadores de sua singularidade, da sua individualidade, que cada nascimento irrompe e não seres para a morte.

Em outra perspectiva, é pela natalidade que se instaura a hipótese da emergência e da realização da liberdade, da ação no mundo com os outros indivíduos, a qual, potencialmente, aponta para a ação política com vistas à transformação do mundo a partir da realidade existente. Neste viés de pensamento, a natalidade e a liberdade se apresentam como temáticas políticas ou preocupações do mundo público e de suas instituições.

A preservação e a continuidade do mundo requer o comparecimento dos indivíduos ao espaço público a cada nova geração. Sem homens e espaços públicos não há mundo público. Cada nova geração deve levar em consideração as ações precedentes e a partir destas realizar as inovações julgadas necessárias. Manter o legado cultural e político para que não se esvaneça e transformar aspectos do legado pela participação ativa no mundo comum de cada indivíduo constitui um dos aspectos primordiais da liberdade.

Considerada a dimensão sincrônica e diacrônica da responsabilidade pelo mundo público pode-se compreender de forma mais adequada a afirmativa arendtiana de que uma das essências da educação é a natalidade. Uma tarefa de acolhimento dos recém-chegados e inseri-los no mundo público em andamento e organizado politicamente, na perspectiva de que os neófitos possam nele se incorporar e nele se constituir subjetivamente na intersubjetividade.

Nesta relação triunívoca – o mundo ocorrente que acolhe os que nele nascem, a afirmação do novo no preexistente e a potencialidade na renovação do mundo e dos indivíduos – pode-se inscrever a indagação de Arendt (2013) relativamente às tarefas que a educação desempenha em cada civilização, isto é, que obrigações a sociedade humana possui para com a existência das crianças. Colocam-se responsabilidade aos pais das crianças e à escola, pois nenhum indivíduo nasce educado, mas em estado de possibilidades. Desta maneira, a educação é uma das atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana.

À escola cabem, fundamentalmente, as tarefas do ensino e da aprendizagem e a realização da transição entre o espaço do privado (o lar) e o mundo público. Iniciar as crianças e os jovens no mundo na situação em que ele se encontra, é um fato que coloca para o professor uma dupla preocupação em relação às crianças: ela é nova em um mundo existente e que lhe é desconhecido e se encontra em constante transformação; e, é um novo ser humano e um indivíduo em formação. Realiza-se, na atividade educativa, um encontro de dois seres em formação e em contínua mudança. Um duplo movimento, não óbvio em si mesmo e nem extensivo aos animais, que “corresponde a um duplo relacionamento, o relacionamento com o mundo, de um lado, e com a vida, de outro”, escreve Arendt (2013, p. 235).

Tendo presente este cuidado especial para com a criança, à escola é atribuída a tarefa de prover a formação – o ensino e a aprendizagem – de forma deliberada e organizada, nos conhecimentos científicos, técnicos, filosóficos, éticos e estéticos. São os conhecimentos da herança cultural legados pela tradição educacional e estabelecidos, pela República, a serem ensinados às novas gerações, de um lado e, por outro, um direito das novas gerações em conhecê-los. A escola pública,

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

laica e gratuita que realizará a introdução dos jovens no mundo comum. No entanto, a escola não é o mundo público. Ela é a instituição-ponte, no pensamento arendtiano, da esfera privada da família e o mundo público comum. É a instituição social interposta

[...] entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo. Aqui, o comparecimento não é exigido pela família, e sim pelo Estado, isto é, o mundo público, e assim, em relação à criança, a escola representa em certo sentido o mundo, embora não seja o mundo de fato (ARENDDT, 2013, p. 238-239).

Conservando a ideia de que uma das tarefas essenciais da educação é a natalidade, o preparo para ou a potencialização para uma participação ativa no espaço público e nos temas afetos a todos, nos quais se inscreve a temática ambiental, a outra dimensão primordial do processo educacional defendida por Arendt é a da conservação do mundo. O conservadorismo defendido pela filósofa (2013, p. 242) “faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo. Mesmo a responsabilidade ampla pelo mundo que é assumida implica, é claro, uma atitude conservadora”.

Os adultos e os professores possuem uma dupla responsabilidade. De um lado pela vida e desenvolvimento dos infantes e, de outro lado, pela acolhida, inserção destes no mundo público e pela continuidade do mundo. O pueril, um novo ser na vida e um novo indivíduo no mundo, requer a proteção da luz pública, resguardada no espaço da esfera privada da casa. Consetânea à proteção requerida pela criança face às possíveis condições do mundo, também este requer o resguardo ante o novo que cada nova criança que nasce potencialmente representa.

[...] A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça de parte do mundo. Porém também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração (ARENDDT, 2013, p. 235).

A perspectiva conservadora defendida pela autora em tela como uma das dimensões elementares da atividade educativa atribuída à escola situa esta instituição social republicana no espaço intersticial entre o passado e o futuro, o privado e o público. A educação escolar possui uma tarefa conservadora, pois ela tem o compromisso com a durabilidade do mundo público. Dedicar-se a conservar os aspectos da tradição humana que o integram e deve legá-los a cada nova geração que adentra o mundo existente.

À escola republicana é delegada a tarefa do ensino de conhecimentos, saberes, de princípios, virtudes e competências, pela República, definidas nas políticas educacionais e nos currículos escolares. A transmissibilidade que a relação de inserção no mundo delega à escola é fundamental para o sentido republicano da educação e da educação ambiental em específico. Contudo, além do caráter de iniciação e de apresentação que esta inserção realiza, afirma-se que a preservação do mundo comum contra eventuais ímpetus destrutivos das novas gerações encontra sustentação na conservação memorial dos eventos e ensinamentos situados no passado, mas mantidos na memória instauradora da comunidade de sentidos.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Assim como cabe à República, na esfera da política, a instituição, a preservação, a efetivação e a conservação de princípios e de valores republicanos,

[...] a responsabilidade ampla pelo mundo e pelas crianças implica uma atitude conservadora; que nas relações entre adultos que caracterizam o âmbito da política, a autoridade não faz sentido; que, para adultos conservar e inovar não são atitudes contraditórias, pois que, em certas circunstâncias é prudente conservar o que está estabelecido, em outras é razoável intervir, alterar e começar acontecimentos novos no mundo. Por tudo isso, a educação no mundo moderno, não mais estruturado politicamente pela autoridade nem mantido coeso pela tradição, não pode abrir mão da igualdade na esfera da política, nem da autoridade e da tradição na esfera da educação (GARCIA, 2012, p. 81).

A conservação do mundo comum e da tradição produzida pela humanidade nos mais distintos períodos e lugares, a serem transmitidos aos novos do mundo é da responsabilidade dos adultos. São eles, inseridos e participantes dos espaços e das instituições públicas, instituídos pelos humanos, que podem e devem responder pelo mundo público. As crianças, através da instrução pública, são inseridas no mundo e elas buscarão, a partir dos conhecimentos adquiridos e das competências desenvolvidas, afirmar-se nos espaços de participação pública – fato que não exclui as pessoas não instruídas do direito à participação pública. Elas não respondem por aquilo que não é de sua responsabilidade por não terem as condições de fazê-lo.

A dupla proteção que os adultos precisam assumir frente às novas gerações, a conservação da tradição e do mundo público, é indispensável para a vida organizada em sociedade. Não com vistas à petrificação, pois a renovação, a mudança é sempre algo potencialmente possível em razão das relações políticas deliberativas que os adultos livres e iguais estabelecem entre si. A possibilidade da transformação do mundo é uma das dimensões da vida política, o espaço da ação, sustentado na sequência.

A atitude e postura conservadoras da tradição e do mundo público são necessárias na educação e não na política. Na vida política, escreve Arendt (2013), onde ocorrem as relações políticas entre adultos, a relação é entre iguais e existe a possibilidade da transformação das condições atuais, pela deliberação. Nesta esfera a postura não pode ser de mera aceitação das condições nas quais o mundo se encontra (cujas características ambientais foram descritas no primeiro capítulo deste trabalho), sob pena de sua possível destruição. A atitude conservadora, de passividade frente aos problemas, na política “não pode senão levar à destruição, visto que o mundo, tanto no todo como em parte, é irrevogavelmente fadado à ruína pelo tempo, a menos que existam seres humanos determinados a intervir, a alterar, a criar aquilo que é novo”, indica Arendt (2013, p. 242).

Com a chegada de cada nova geração ou mesmo pela deliberação política dos adultos, apresenta-se tanto a possibilidade quanto a necessidade da transformação do estado de coisas problemáticas, sob pena de o mundo sucumbir. Sucumbir em razão de seu caráter humano e transitório. Por outro lado, o mundo “não pode ser construído apenas para uma geração e planejado para os que estão vivos: deve transcender a duração da vida de homens mortais”, argumenta Arendt (2011, p. 67). O mundo carrega um sentido transcendental de ser, antecede cada geração de indivíduos porque estes adentram-no pela natalidade e o deixam após a sua existência. “Transcende a duração de nossa vida

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele”, acrescenta Arendt (2011, p. 67). O mundo é anterior e posterior aos indivíduos.

E, encaminhando algumas conclusões desta elaboração, salienta-se. Situada no espaço simbólico existente entre o privado e o público, o ocorrente e a probabilidade da novidade, a educação está alçada à condição de estabelecer a conexão entre a conservação e a transformação do mundo público, entre a preservação e a renovação. Entendida nesta perspectiva, a educação articula-se com a liberdade, para com a ação. A liberdade é um atributo da vida ativa, da vida política, a qual torna possível a instauração da novidade.

Embora a ação educativa tenha a responsabilidade para com a preservação do mundo, não existe nenhuma garantia a priori, segura de que os novos indivíduos – aqueles que já passaram ou ainda passarão por ela – manterão o mundo ou o transformarão pela ação e do discurso, ou o deixarão sucumbir. O ensino dos conhecimentos herdados pela tradição e das competências republicanas não oferecem garantias de que serão preservados e exercitados.

O nascimento de novas pessoas ratifica o compromisso das instituições republicanas, especialmente a escola, com o mundo público, pois é pela dinâmica educacional que ocorre a inserção destas pessoas nos espaços públicos com o fito de conservá-lo e transformá-lo pela ação e discurso, a partir do legado histórico aprendido, dada a sua condição de liberdade e de responsabilidade pela ação.

Palavras-chave: Inserção; Conservação; Renovação; Mundo público.

Agradecimento: CAPES.

Referências

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 7. ed. 1. reimp. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013. Coleção debates, n. 64.

_____. A condição humana. 11. ed. revista, 2. tiragem. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CORREIA, Adriano. O significado político da natalidade: Arendt e Agostinho. In: correia, Adriano; NASCIMENTO, Mariângela (Orgs.). Hannah Arendt: entre o passado e o futuro. Juiz de Fora: UFJF, 2008. p. 15-34.

GARCIA, Claudio Boeira. Arendt: referências republicanas de a crise na educação. In: FÁVERO, Altair Alberto; CASAGRANDA, Edilson Alencar (Orgs.). Leituras sobre Hannah Arendt: educação, filosofia e política. Campinas: Mercado das Letras, 2012. p. 71-84. Série educação geral, educação superior e formação continuada do educador.